

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderno*. São Paulo: Loyola, 1995.

LATOURET, Bruno. *Reassembling the Social* — Na Introduction to Actor-Network-Theory. Nova York. Oxford University Press. 2005.

MARTINHO, Cássio. *Redes Síntese*. 2010.

PEREIRA, Ilaina Damasceno. *Identidade de lugar no Benfica: Distinção, discurso e divisão simbólica no bairro*, *Geo-Textos*, vol. 5, n. 2, dez 2009. I. Pereira 49-66.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e Artes do Pós-Humano: Da Cultura das Mídias a Cibercultura*. São Paulo: PAULUS, 2003.

SANTANA, José Rogério. *Cibercultura e educação: Práticas educativas não formais e o uso de técnico digitais através de comunidade e redes virtuais na formação da noofera global*. P.677. In: *Cultura, educação, espaço e tempo*. VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula *et all*. Fortaleza: Editora UFC, 2012.

SANTOS, Patricia Barreto. *Redes culturais como proposta organizacional: um estudo de caso das ações em rede do instituto cultural casa via magia*. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador. 2011.

SAQUET, Marcos Aurélio; GAGLIOTTO, Ana Rúbia. *Abordagens das dimensões sociais do território*, 1988.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Rede de Movimentos Sociais*. São Paulo. Loyola. 2005.

REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DIGITAL

Maria Aparecida da Silva Florêncio

(UFC)

E-mail: cyda_sylflor@hotmail.com

Lourena Maria Domingos da Silva

(UFC)

E-mail: lourenadomingos@yahoo.com

Introdução

Com as diferentes mudanças ocorridas ao longo do processo histórico, temos a implantação das tecnologias cada vez mais fortes no nosso cotidiano. A utilização de computadores esta se tornando cada vez mais essencial ao nosso dia a dia. E este está cada vez mais inserido no cotidiano escolar, auxiliando em todo processo educativo principalmente na alfabetização e no letramento.

Por esta razão alguns autores da área de letramento, falam sobre este letramento digital. Que consideram como uma necessidade dos indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas com urgência pelas instituições de ensino. O que acaba exigindo ainda mais da formação do professor, este que agora não deve ser menosprezado no processo de alfabetização, mais sim valorizado, já que as máquinas são apenas um apoio, e é necessário o conhecimento do educador para desenvolver atividades educativas que deem resultados positivos.

O presente trabalho tem por objetivo fazer leve reflexão a cerca de algumas questões que envolvem a relações da alfabetização e letramento digital na sociedade atual, como instrumento democratização do conhecimento. Assim, baseia-se em um estudo bibliográfico.

Para tornar mais relevante à temática, apresentamos o trabalho dividido em quadro partes: Alfabetização e letramento digital; Pedagogia Escolar da alfabetização e uso de diferentes tecnologias para escrever/inscrever; Tecnologias digitais: o domínio de novos gestos na alfabetização e O oral, a imagem e o escrito.

A pesquisa foi motivada pela disciplina de letramento e alfabetização do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará — UFC, que proporcionou leituras e reflexões sobre aspectos que subsidiam a formação docente na perspectiva de promover um ensino de qualidade, no que diz respeito ao aprendizado das linguagens e códigos pelos educandos.

Alfabetização e Letramento Digital

O computador não é um inimigo da educação e muito menos dos educadores, pelo contrário, é um aliado se bem utilizado. O computador possibilita inúmeras oportunidades de aprendizagem, fazendo inclusive com que os alunos das classes mais baixas tenham acesso aos meios culturais que antes a escola não tinha como colocar no programa escolar, como por exemplo, o teatro, o cinema, livros paradidáticos, entre outras

várias ferramentas que podem ser interessantes e de grande valia para os educadores na elaboração de suas aulas, desde que o aluno também não seja um mero expectador. Pois cabe ao professor fazer do uso do computador e mais precisamente da internet um meio interativo para construção de saberes, para isso é preciso que o professor planeje suas aulas e esteja apto para transmitir o conteúdo através de estratégias diversificadas, afinal o computador tem muitos meios de contribuir, e uma dessas contribuições é a forma divertida e real com que traz a informação.

Vale salientar que o uso do computador em sala de aula não significa que o aluno vai ficar todo o tempo de aula na frente do computador, pois também é preciso que haja os momentos de discussão ou debate, de relacionamento pessoal dos alunos entre si, e dos alunos com os professores. A era digital é uma nova faceta do mundo letrado, e para que o aluno possa fazer parte dela é necessário que ele seja um bom navegador e digitador. O computador traz muitos recursos que ajudam na produção dos textos, por exemplo, mas, por outro lado para utilizar esses recursos é preciso ter conhecimento sobre eles. Se antes era preciso ter boa caligrafia, hoje por causa da digitação já não é tão necessário, no entanto é preciso ser um bom digitador. Ainda não trocamos o lápis pelo teclado, mas isso pode chegar a ser uma realidade no futuro.

Magda Soares (2002) explora duas facetas do problema do letramento na cibercultura: uma primeira, relacionada aos espaços de escrita (pedra, argila, papel, tela) e suas consequências para a interação leitor/escritor, e uma segunda, rela-

cionada aos textos e suas novas formas de produção, reprodução e difusão na sociedade.

Logo cabe ao professor, sobretudo das classes populares, criar formas de incluir os alunos nesse mundo de informações, e para isso é necessário dar-lhes o suporte necessário para chegar à condição de letrado no que diz respeito ao computador e à informática. Assim, o professor estará cumprindo seu papel de educador e formador social, pois quanto mais os alunos forem familiarizados com o mundo das informações digitais, menos excluídos da sociedade contemporânea eles serão.

Pedagogia Escolar da Alfabetização e Uso de Diferentes Tecnologias para Escrever/Inscrever

Na história das práticas de alfabetização, verificamos que, aliada a disseminação de novos artefatos, temos grande valorização da cultura manuscrita cursiva.

Assim, para além de um contexto em que os textos em escrita manuscrita não circulavam tanto para o uso social, a escola parece ter mantido a exigência rígida de que os alunos dominassem uma escrita contínua, típica da cultura do manuscrito, transformando o aprendizado do traçado numa condição para a aprendizagem dos aspectos conceituais do sistema alfabético e ortográfico de escrita.

É possível aprender a traçar as letras ao mesmo tempo em que se aprende o sistema alfabético de escrita, este inserido num contexto de uso, ou melhor, de letramento.

Quando se libera o aprendiz do traçado, tal como na digitação, os desafios cognitivos podem ser de outra ordem.

Emília Ferreiro (1996) discute a revolução informática e os processos de leitura e escrita na sociedade. “Não é possível que se instaurem debates acalorados pró e contra as virtudes e inconvenientes de tal ou qual tipo de grafias (contínuas ou descontínuas) em uma época em que a urgência maior é introduzir os estudantes ao teclado...” (p. 71).

Podemos acrescentar que não se trata apenas de abandonar a discussão de tipos de letra e ressaltar sua presença em novos artefatos, mas também de produzir novas indagações sobre os significados da introdução de uma cultura diferente da manuscrita e da impressa no papel, para a sociedade e para a escola, sobre tudo para a alfabetização inicial.

Constata-se pelas considerações da autora, que a introdução de um novo artefato da escrita não é apenas a decisão de introduzir um recurso didático, mas decorre de modos de pensar e de registrar a escrita que vão possibilitar o surgimento de questionamentos sobre o próprio sistema de escrita.

Tecnologias Digitais: o Domínio de Novos Gestos na Alfabetização

Segundo Soares (2002), o letramento digital pode ser entendido como certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição — do letramento — dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel.

Constatamos, hoje, que temos vários alfabetizados que podem ser considerados analfabetos digitais. O termo *analfabetismo digital* poderia ser utilizado para já alfabetizados que não alcançaram o domínio dos códigos que permitem acessar a máquina, manuseá-la e que, portanto, não podem utilizar seus comandos para práticas efetivas de digitação de texto, leitura e produção de mensagens para efeitos de interação a distancia ou para uma leitura de informação ou mesmo de leitura e escrita de outras linguagens (visuais, por exemplo).

Consequentemente, cabe ressaltar que o conhecimento dos usos, numa sociedade em que a tecnologia esta disseminada nas imagens da mídia e no cotidiano dos centros urbanos, antecede uma alfabetização digital de crianças e adultos.

Para crianças, o aprendizado que garante esse uso é favorecido pelo nível de iconicidade presente na tela que, muitas vezes, passa largo de um conhecimento previu da escrita. Isso aproxima a alfabetização via computador de um tipo de alfabetização áudio visual.

Antes de tudo, convém ressaltar que se supõe, como nas situações que envolvem o uso do manuscrito e do impresso, que as crianças possam utilizar o computador para interagir, para trocar correspondências, para buscar informações e tudo que essa cultura permite. Trata-se, então, de um letramento digital.

O Oral, a Imagem e o Escrito.

Os movimentos entre o oral e o escrito que conhecemos ate o momento atual demonstram não uma oposição, mas um contínuo entre os modos de utilização dessas linguagens.

A chamada *revolução numérica*, presente na cultural digital. Parece juntar novamente uma serie de códigos num novo suporte, tornando mais complexas as relações entre os termos oralidade e escrita, possibilitando a existência de textos híbridos entre essas duas modalidades, como aqueles presentes nas comunicações *online*. Nota-se também a introdução de oralizações e outros sons juntos ao texto, além da presença forte de um processo de iconização que apoia os textos orais e escritos, já presente antes em outras mídias eletrônicas e mesmo em impressos.

Não enfatizando o caráter de rompimento, mas o de hibridismo e continuidade, respeitando a complexidade histórica, cultural, sociologia e política de disseminação e construção desses modos de comunicação e registro é que destacamos com riscos de simplificação — o potencial de, pelo menos, três recursos para o ensino inicial da escrita no contexto das novas tecnologias: o som (e nele a voz), a imagem e a escrita.

Diferentemente do livro didático, o computador como recurso multimídia oferece possibilidades de exploração pedagógica de uma simultaneidade de linguagens que podem conduzir a determinadas análises da linguagem escrita n o processo de alfabetização.

Uma primeira pista pedagógica refere-se à necessária compreensão das relações do escrito com determinados aspectos da fala. Essas condutas pedagógicas são utilizadas para que os alunos relacionem escritos com o falado, mesmo quando não sabem ainda relacionar cada seguimento sonoro a uma representação convencional gráfica.

Se uma criança pode acionar um comando que permite ouvir e visualizar, simultaneamente, histórias e outros textos narrados com a apresentação sincronizada da sua escrita na tela, talvez possam perceber melhor essa relação.

Como já foi mencionado, o ato de liberar-se do gesto de produzir um traçado num papel — já que as letras estão disponíveis no teclado e basta escolhê-las e tocá-las — talvez possam reduzir o nível de dificuldade da tarefa para o aprendiz, favorecendo a identificação de caracteres e seu correspondente registro fonológico, mais do que seria possível na escrita com outro instrumento.

Diferentes parâmetros relacionados aos modos de realização das atividades podem ser pensados: o da atividade livre ou dirigida, com colegas ou professor ou outro adulto, com ajuda de outro ou autonomamente, podem ajudar o professor a diversificar modos de utilização, em sala de aula e em outros espaços, desta tecnologia.

Em síntese, para o aprendiz iniciante, com a utilização de novas tecnologias seriam adquiridos outros gestos de escrita, que podem conviver com os gestos típicos da cultura manuscrita. Com essa tecnologia podem também ser explorados conhecimentos sobre o sistema alfabético e ortográfico de escrita passíveis de se tornarem ainda mais significativos não apenas pelo o que tem de lúdico ou desafiante, mais pelos usos que suscitam, uma vez que podem partir das atividades. Ainda que, com toda tecnologia que se possa utilizar na melhoria da educação, o professor é peça fundamental na sala de aula. Afinal o computador ainda que possua uma imensa

versatilidade de funções jamais terá a mesma eficiência e realismo na troca de experiências, debates e discussões, e no relacionamento professor-aluno tão essencial e construtivo na formação do aluno não só como aprendiz, mas também como cidadão.

Portanto, não convém questionar a troca do professor pelo computador em sala de aula, pelo contrário, ambos devem se integrar de maneira a tornarem-se um extensão do outro para efeito de unidade na importância que têm diante da relação ensino- aprendizagem. O computador não é capaz de fazer tudo sozinho precisa de um mediador para direcionar e propor atividades, problemáticas e discussões, e esse mediador é o educador. Então, a informática, o computador, a internet e todo esse meio digital de informações, podem ser vistos como aliados à educação e não como inimigos, principalmente porque, a informática e seus artefatos dominaram a sociedade contemporânea e não há como dizer que estes recursos não são atrativos, e se utilizados de forma criativa e crítica, podem tornar o ambiente educacional muito mais interativo, e esta é a intenção de se aliar educação e tecnologia. Portanto, se faz necessário que todo e qualquer professor que tenha responsabilidade e prazer em sua profissão busque o letramento digital, para estar cada vez mais atualizado e assim apto para repassar seus conhecimentos através dos instrumentos digitais.

Vale ressaltar que o acesso e o uso instrumental são importantes, mas não atingem o que se espera, de fato, dos professores. Se observarmos, mesmo as escolas equipadas com

computadores e acesso à internet e professores egressos de cursos básicos de informática educativa não têm sido suficientes para integrar os recursos digitais às práticas pedagógicas. O que se deseja é que os professores integrem computador-internet à prática profissional, transformando-a para melhor inseri-la no contexto de nossa sociedade marcada pela era digital. Para isso, os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para interagir com eles de forma criativa e construtiva, no cotidiano escolar, fazendo assim uma integração e quando digo integrar é porque o que se quer não é o abandono das práticas já existentes, que são produtivas e necessárias, mas que a elas se acrescente o novo mundo das informações instantâneas. Precisamos, portanto, de professores e alunos que sejam letrados digitais, isto é, professores e alunos que se apropriam da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de utilizá-la sem objetivo nenhum.

Observa-se então que é imprescindível que o professor esteja constantemente em busca de formação continuada, buscando sempre novidades de metodologia de ensino através do uso do computador e da internet. Ou seja, o educador é aquela pessoa que tem de estar sempre aberta ao novo, para investigá-lo e ver o que ele representa para o conhecimento e para a aprendizagem. Assim, espera-se que, nessa era da internet, o professor possa fazer de sua sala de aula um espaço de construções coletivas, de aprendizagens compartilhadas.

Considerações Finais

Logo, concluímos que, com toda tecnologia que se possa utilizar na melhoria da educação, o professor é peça fundamental na sala de aula. Afinal o computador ainda que possua uma imensa versatilidade de funções jamais terá a mesma eficiência e realismo na troca de experiências, debates e discussões, e no relacionamento professor-aluno tão essencial e construtivo na formação do aluno não só como aprendiz, mas também como cidadão.

Portanto, não convém questionar a troca do professor pelo computador em sala de aula, pelo contrário, ambos devem se integrar de maneira a tornarem-se uma extensão do outro para efeito de unidade na importância que têm diante da relação ensino- aprendizagem. O computador não é capaz de fazer tudo sozinho precisa de um mediador para direcionar e propor atividades, problemáticas e discussões, e esse mediador é o educador. Então, a informática, o computador, a internet e todo esse meio digital de informações, podem ser vistos como aliados à educação e não como inimigos, principalmente porque, a informática e seus artefatos dominaram a sociedade contemporânea e não há como dizer que estes recursos não são atrativos, e se utilizados de forma criativa e crítica, podem tornar o ambiente educacional muito mais interativo, e esta é a intenção de se aliar educação e tecnologia. Portanto, se faz necessário que todo e qualquer professor que tenha responsabilidade e prazer em sua profissão busque o letramento digital, para estar cada vez mais atualizado e as-

sim apto para repassar seus conhecimentos através dos instrumentos digitais.

Vale ressaltar que o acesso e o uso instrumental são importantes, mas não atingem o que se espera, de fato, dos professores. Se observarmos, mesmo as escolas equipadas com computadores e acesso à internet e professores egressos de cursos básicos de informática educativa não têm sido suficientes para integrar os recursos digitais às práticas pedagógicas. O que se deseja é que os professores integrem computador-internet à prática profissional, transformando-a para melhor inseri-la no contexto de nossa sociedade marcada pela era digital. Para isso, os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para interagir com eles de forma criativa e construtiva, no cotidiano escolar, fazendo assim uma integração e quando digo integrar é porque o que se quer não é o abandono das práticas já existentes, que são produtivas e necessárias, mas que a elas se acrescente o novo mundo das informações instantâneas. Precisamos, portanto, de professores e alunos que sejam letrados digitais, isto é, professores e alunos que se apropriam da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de utilizá-la sem objetivo nenhum.

Observa-se então que é imprescindível que o professor esteja constantemente em busca de formação continuada, buscando sempre novidades de metodologia de ensino através do uso do computador e da internet. Ou seja, o educador é aquela pessoa que tem de estar sempre aberta ao novo, para investigá-lo e ver o que ele representa para o conhecimento e

para a aprendizagem. Assim, espera-se que, nessa era da internet, o professor possa fazer de sua sala de aula um espaço de construções coletivas, de aprendizagens compartilhadas.

O uso do computador possibilita uma nova forma de alfabetização e letramento. E também uma nova maneira de ler, escrever e utilizar essas habilidades uma vez que, muda-se o suporte e o gênero textual.

A exclusão referente ao uso dessa ferramenta tecnológica aparece sobre os termos analfabetismo/letramento digital, que conceitua aqueles que não fazem uso desse instrumento por não possuírem domínio da tecnologia em questão bem como, da prática de escrita relativa ao meio digital.

Retomando, o uso do computador possibilita uma nova tecnologia de escrita ele é mais uma de tantas outras que já existiram como pedra ardósia, superfícies apagáveis da areia, lápis de pedra e depois de grafite, pena de ganso e papel. É interessante que a cada surgimento de uma possibilidade de escrita surjam desafios cognitivos para os estudantes e não o uso pelo uso sem atributo pedagógico.

Apesar de surgirem novos artefatos de escrita a nossa cultura é arraigada a cultura manuscrita cursiva. Por isso, a alfabetização por um longo período foi pautada no traçado da letra. Mas é necessário que, além disso, o sistema alfabético inserido num contexto de uso seja ensinado.

Além é claro de ensinar o uso do computador (funcionamento do teclado, mouse, entre outros) por esse ser uma realidade social e possuir um sistema de escrita próprio que permite escrita diversificada como diversas fontes e tama-

nhos, em negrito ou não, sublinhados etc. E para diferentes fins como e-mail, texto, hipertexto etc. A iconicidade favorece a criança esse aprendizado por não requerer conhecimento prévio da escrita. Além do som e imagem. O primeiro por possibilitar a relação oral/escrito mesmo que ainda não saibam relacionar o sonoro com a grafia, mas é o início de uma futura relação entre fonemas e grafemas e também a escuta de historinhas. E o segundo favorece a relação legenda texto, suporte e sentido quando trabalhado alteração de sinal gráfico, sílabas e palavras e seu desenho correspondente.

Finalmente, o computador usado com o cunho pedagógico pautado no planejamento das atividades previamente tem inúmeras possibilidades de aprendizado da leitura/escrita.

Referências

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale Autêntica, 2005.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1981.

FIQUEIREDO, Rita Vieira de. *Avaliação da leitura e da escrita: uma abordagem psicogenética*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SOARES, Magda. *Letramento: em tema três gêneros*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>, acessado em 08 de maio de 2012.

TEBEROSKY A. *Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Ática, 1994.